



SALA DE APRENDIZAGEM 10

Esse conteúdo é parte integrante do Curso de Aperfeiçoamento em Mentoria de Diretores Escolares

MENTORIA DE DIRETORES DE ESCOLA: ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

Maria Cecília Luiz (org.)

São Carlos, 2022

© 2022, dos autores

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Reitora

Ana Beatriz de Oliveira

Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Subjetividade e Cultura (GEPESC)

Coordenadora

Maria Cecília Luiz

Revisão Linguística

Marina Gimenez Parra

Vanessa Aparecida de Oliveira

Editoração Eletrônica

Jéssica Veloso Morito

Identidade Visual

Jéssica Veloso Morito

Ficha catalográfica

L953 Mentoria de diretores de escola: orientações práticas/
organizadora: Maria Cecília Luiz. -- Documento eletrônico
-- São Carlos: Autores, 2022.

1. Mentoria. 2. Educação 3. Escola. I. Título.

CDD – 370

CDU – 37

VIOLÊNCIAS SOCIAIS E ESCOLARES: O DESAFIO DAS RELAÇÕES COTIDIANAS

Jéssica Veloso Morito
Alexsandra Gonçalves Zago

EMENTA: Compreensão dos tipos de violências. Violências intraescolar e extraescolar. Processo de invisibilização das violências na escola. Conflitos escolares. Ciclos de violências. Sujeitos no ciclo da violência. Mediação de conflitos. Sofrimento emocional.

OBJETIVOS GERAIS

- Conhecer e refletir sobre as violências físicas, verbais, simbólicas e psicológicas.
- Refletir sobre violências extraescolares e intraescolares.
- Compreender sobre a invisibilização das violências.
- Entender como ocorrem os ciclos de violência e como eles são fomentados.

1. VIOLÊNCIA: CONCEITUALIZAÇÃO E DEFINIÇÕES

A violência é polissêmica, multiforme e um assunto controverso. Há certa complexidade em compreensão de situações de violências, pois seu significado, em cada contexto social, institui um conjunto de valores subjetivos, conforme regras estabelecidas pelas circunstâncias. Contudo devemos sempre pautar os direcionamentos das relações pela garantia dos direitos humanos.

O termo violência tem suas raízes no latim *violentia* (MICHAUD, 1989), que está relacionado ao termo violação, do latim *violare*, interligado ao uso da agressividade intencional. Para Houaiss (2001), a violência é a qualidade do violento ou o efeito de violentar. Complementarmente, segundo Arendt (2004), a violência é considerada um instrumento de dominação, por isso é dinâmica e mutável, e à medida que uma

sociedade se transforma, as violências também alteram suas representações, suas dimensões e seus significados.

A violência, segundo Tavares dos Santos (2009), principalmente no âmbito escolar, é uma preocupação que deve ser enfrentada como um mal que o assola; uma vez que o sujeito não é reconhecido ou não se considera pertencente à escola, tem sua subjetividade negada ou ameaçada, o que provoca repulsa, podendo culminar em novos atos de violência como resposta às ações que primeiramente sofreu.

Consideraremos, neste material, as violências como:

Fenômenos sociais, em suas múltiplas formas e manifestações, que promovem relacionamentos ou atos agressivos, propiciando o não reconhecimento do outro, a negação da dignidade humana, a ausência de empatia e a falta de alteridade, que em conjunto causam danos físicos, psicológicos e/ ou sociais aos indivíduos pertencentes a um dado coletivo/grupo.



Quando abordamos a temática da violência deve haver um cuidado, pois há uma linha tênue entre terminologias que são adotadas como sinônimos, mas nessa concepção possuem direcionamentos muito diferentes. Nessa perspectiva, é importante compreender os conflitos e as situações de violência.



Conflitos são atos e/ou ações de desentendimentos ou não concordância. Nas diferenças de ideias podem ocorrer instabilidades no reconhecimento do espaço e nas diferenças, por isso há o estranhamento. Resumidamente, são situações sem violência, mas com alto potencial para ocorrê-las.



Situações de violência correspondem a quando há algum tipo de violência como condutora das relações, seja essa determinada pelo poder vigente ou como resposta a uma ação anterior.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Os conflitos são pontos de articulação importantes, contudo, quando não são abordados e problematizados e estão “escondidos”, podem, e geralmente culminam, nas situações de violência. Por isso, é importante articular espaços de escuta que ponderem consensos e incentivem a prática de ações colaborativas, com a finalidade de se manter as relações interpessoais dentro da perspectiva da escuta ativa, da empatia e da alteridade.

2. TIPOS DE VIOLÊNCIA E SUAS DEFINIÇÕES

As violências, para um melhor entendimento dos seus âmbitos, são divididas em quatro tipos: verbal, física, simbólica e psicológica, que podem ocorrer em unicidade, de forma complementar ou desencadeadas umas pelas outras.

QUADRO 1: Violências, definições e seus âmbitos de interação

VIOLÊNCIA	ÂMBITO DA INTERAÇÃO VIOLENTA	DEFINIÇÃO
VERBAL	Relacionada à expressão verbal, seja oral ou escrita	Caracterizada pela passividade imposta à força e pelo silêncio, de modo que a atividade expressiva e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, promovendo a sensação de coibição, rebaixamento, indiferença ou limitação pela imposição de poder
FÍSICA	Relacionada à dominação e/ou submissão do corpo do outro	Caracterizada pelo uso intencional, ou resultante de ação anterior, da força física, contra um sujeito ou grupo, que resulte em ferimentos, danos físicos ou privações
PSICOLÓGICA	Relacionada às sensações de imposição e/ou submissão, em caráter subjetivo	Caracterizada como um ato ou episódio que pode ser imperceptível ou despercebida que vai coibindo a vítima e anulando a sua própria percepção de ser. Geralmente é facilmente naturalizada
SIMBÓLICA	Relacionada às imposições sociais que normatizam e/ou padronizam ações, opiniões e valores morais	Caracteriza como uma prática sutil da relação de dominação sem que os sujeitos a questionem, apenas a aceitam. São as punições específicas decorrentes pelas condutas fora de padrão previamente, ou não, estabelecidas pela prática escolar e social

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

Compreender as interligações entre os tipos de violência permite compreender as dimensões das relações, seus eixos de rupturas e formas possíveis de começar a lidar com a desnaturalização de suas práticas, principalmente com a percepção de que as violências acabam desencadeando uma na outra, e isso culmina na manutenção dos ciclos das violências.

3. VIOLÊNCIAS INTRA E EXTRAESCOLAR

Quando as situações violentas influenciam no espaço escolar, temos duas categorizações: as violências extraescolares e intraescolares.

<p>VIOLÊNCIA EXTRAESCOLAR</p> <p>Violências que ocorrem fora do espaço escolar, mas suas influências e/ou consequências interferem nas relações dentro da escola.</p>		<p>VIOLÊNCIA INTRAESCOLAR</p> <p>Violências que ocorrem dentro do espaço escolar. São situações de violência na/da/à escola e influencia as (não) convivências dentro da escola.</p>
--	--	---

As violências intraescolares são consequências de situações que complementam a vida dos sujeitos do núcleo escolar, possuem inúmeras causas, contudo, as consequências precisam ser mediadas pela escola, havendo intervenções efetivas quando necessárias. Nesse sentido, é importante não inviabilizar a existência humana fora do contexto escolar, ou seja, a vida do aluno e suas relações, porém não se isentar da corresponsabilidade humana que temos com o outro.

Complementarmente, quando abordamos as violências intraescolares, Charlot (2002) evidencia que **no meio escolar, há violências na, à e da** escola.



VIOLÊNCIA NA ESCOLA

É aquela que ocorre dentro da escola, mas poderia ocorrer em qualquer lugar



VIOLÊNCIA DA ESCOLA

É aquela que ocorre de forma institucional nas relações escolares

VIOLÊNCIA À ESCOLA

É aquela que ocorre contra a escola, danificando o patrimônio público

As pessoas que compõem o núcleo escolar, professores, alunos, gestores e todos os demais sujeitos, passam a maior parte do tempo no espaço da escola, transformando-a no *locus* de interações sociais. O núcleo escolar deveria ser um local de construções colaborativas constantes e ininterruptas, para a escola entender a violência e como lidar com os conflitos.

Isso nem sempre acontece, pois os indivíduos sentem muita dificuldade em desnaturalizar as violências ou compreender como ocorre dentro dos seus espaços. Nisso, os sentimentos de impotência diante de uma rede de relações desconhecidas conduzem em soluções ou respostas rápidas – seja por falta de conhecimento ou de habilidades – mais violentas, na tentativa de amenizar os conflitos ou violências já instauradas.

4. CICLOS DE VIOLÊNCIA

Os ciclos de violência(s)¹ são as formas – cíclicas e contínuas – como as situações de violência são fomentadas pelos sujeitos, cultivadas nos espaços e/ou perpetuadas nas inter-relações entre os pares, evidenciando relações abusivas que massificam as violências e/ou de omissão de grupos ou subgrupos para apoio.

¹ Ciclos de violência ou violências, visto que os ciclos podem ser referenciar a uma somente ação violenta ou ao conjunto de intervenções violentas contra o sujeito, patrimônio ou subjetividade.

Esses ciclos podem se repetir, na maioria das vezes, com a intensificação das massificações das violências, com habitual diminuição do tempo entre as ações e/ou atos violentos. Desse modo, o centro do ciclo, seja ele de fator humano, físico ou subjetivo, vai sendo coibido e intimidado pelo fluxo e frequência dos ciclos de violência(s).

Quando pensamos na ruptura de um ciclo, adotamos o conceito de contraciclo, ou seja, a resignificação que agregue ao sujeito, situações ou espaço, novas interrelações não deturpadas por mediações de poder que direcionam para o sentimento de não pertencimento, estranhamento ou desconforto.

4.1 Etapas dos ciclos de violência(s)

Os ciclos de violência(s) são a culminação de três etapas, sem mediação e/ou interferência, em que se valida a relação entre quem incentiva as situações, quem lida com as consequências das agressões e quem ocasiona as ações violentas. Essas etapas são:

	Estranhamento	corresponde às instabilidades, desentendimentos ou não concordância pelas diferenças em determinadas situações que vão distanciando os corpos, sejam essas materiais ou subjetivos, do sentimento de pertencimento com o todo
	Tensão	corresponde aos primeiros embates, confrontos e imposições; como (re)ação à percepção do distanciamento dos corpos e à representatividade da subjetividade da diferença, pela qual alguém ou algo se identifique
	Agressão	corresponde à situação de violência que se instaura por inexistência da mediação e/ou espaços de acolhimento, culminando em atos violentos, ou seja, espaços em que ocorrem as agressões

5. SUJEITOS DA VIOLÊNCIA: EVA E VER

As relações que ocorrem entre sujeitos não são lineares, tampouco definitivas, e assim há um emaranhamento de interligações que ora vão aproximando os sujeitos pelo

reconhecimento das singularidades, ora vão distanciando-os pelo estranhamento das diferenças.

Os ciclos de violência são constituídos por três agentes: **espectadores**, **vítimas** e **agressores** (EVA).



Os ciclos de violência(s) podem ser reconfigurados para que se cessem, por meio da reflexão sobre empatia e autorregulação das emoções, de modo individual pela auto percepção ou coletiva, com enfoque naquilo que machuca ou fere as pessoas ou grupos, atribuindo novos olhares para além da retribuição de sentimentos e emoções reprimidas, permitindo uma base de acolhimento contraciclos (BAC).

A BAC deve ser fomentada como um espaço (físico ou subjetivo) seguro, composto pelas multiplicidades de subjetividades que compõem o núcleo escolar, permitindo a criação de grupos ou subgrupos para apoio, acolhimento e escuta. É fundamental esse entrosamento de diferentes atores do corpo escolar, visto que envolve os diferentes panoramas de sistemas das relações, compostos pelo microsistema, mesossistema, macrossistema e exossistema, que, interligados, compõem o universo escolar dos sujeitos.

QUADRO 2: Violências, definições e seus âmbitos de interação



PANORAMA	ÂMBITO DA RELAÇÃO	TIPO DA RELAÇÃO
MICROSSISTEMA	Menor das relações	Sujeito e a relação com a escola toda, com todo o núcleo escolar
MESOSSISTEMA	Relação ponderada, mediana	Sujeito e a relação com a sala de aula e seus componentes, sejam físicos ou humanos
MACROSSISTEMA	Maior das relações	Sujeito e a relação com o outro, grupos ou subgrupos, com os quais se identifica
EXOSSISTEMA	Relações externas	Sujeito e a relação com o mundo externo e toda vivência social que adentra os muros da escola

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

A base de acolhimento contraciclos deve se pontuar em três conceitos de garantia de direitos e humanidade universais: **v**alores, **e**mpatia e **r**espeito (VER).

QUADRO 3: VER



VALORES	EMPATIA	RESPEITO
Todo o conjunto de princípios morais, culturais, subjetivos, sejam grupais ou individuais, que categorizam dado sujeito e/ou corpo	Percepção do outro pela escuta ativa, compreensão das diferenças como manifestação da representatividade subjetiva de cada um	Compreensão do direito igualitário de outrem ter as mesmas garantias (legais, humanitárias e sociais) nas interações com seus pares e com o todo social

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

6. PREPOSIÇÕES PARA AS RELAÇÕES: MEDIAÇÃO E ESCUTA PARA TEMPOS DE ACOLHIMENTO

A mediação é a ponte para os primeiros passos, de um longo percurso, no combate às violências relacionais no núcleo escolar. Nessa perspectiva, a escuta torna-se fundamental, principalmente em tempos de acolhimento, em demandas de atendimento a uma camada assolada pelas angústias e as incertezas de um futuro ainda não desbravado.

Nesse sentido, criar uma rede colaborativa nas medidas contra os ciclos de violência não apenas evidencia o cenário e o (re)conhecimento sobre os efeitos da violência na escola, mas permite identificar as principais causas e consequências, integrando os alunos – e todo o núcleo escolar –, pelo protagonismo de atuarem em demandas que assolam suas interações, por meio da mediação dos conflitos e do diálogo. Somente assim podem ser criados espaços de acolhimento para que os sujeitos se sintam seguros, procurem esses pontos de apoio e possam compor novos contraciclos pautados pelo VER.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Da violência**. Tradução de Maria Cláudia Drummond Trindade. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, 2002. p. 432-443.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Villar e Houaiss, 2001.

LUIZ, M. C. (Org.). **Mentoria de diretores escolares: formação e contextos educacionais no Brasil**. 1. ed. São Carlos: SEaD-UFSCar Editora, 2021.

MICHAUD, Y. **A violência**. Tradução de L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Violências e conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.